

O DIÁLOGO EXISTENTE ENTRE O ENSINO DE ARTES NOS ANOS INICIAIS E A EDUCAÇÃO ESPECIAL.

Edilene Marinho de Souza- UEPB
edilenemarinhopb@hotmail.com.br

Adriana Kelly Nichols dos Santos – UEPB
kelly.nichols.21044@gmail.com

Prof. Esp. Nehemias Nasaré Lourenço (orientador) - UEPB
prof.nemo@hotmail.com

Resumo

A Arte é a mimese da vida por definição. Mas, são poucos os que a entendem a fundo. Será que isso se dá porque não somos ensinados a apreciá-la como deveríamos? Ou, será por que o ensino da mesma restringe-se à pintura, colagens e feitura de desenhos? Este artigo visa trazer a tona não as indagações quanto ao ensino-aprendizagem de Arte nas escolas, senão, no contexto do aluno surdo; afinal, eles são os marginalizados não apenas com essa matéria, senão também nas outras. Tomamos a disciplina de Artes, e não outra, por cremos que ela pode auxiliar o surdo na compreensão de temas abstratos, afinal, os surdos possuem uma Literatura e nela estão presentes também os poemas, que é uma forma de Arte. Pretendemos, então, analisar como esta disciplina está sendo dada na escola de Audiocomunicação da cidade de Campina Grande, em uma série inicial, pois é nesta fase que aprendemos a cortar e a colar, além de pintar e desenhar. Faremos então, uma digressão histórica tanto quanto o ensino e o surgimento da Arte como sobre a educação especial com foco na pessoa surda a fim de termos um apanhado geral sobre a educação Especial no Brasil voltado ao ensino da Arte como disciplina escolar. Para tanto, usaremos como referencial teórico a temática da Educação de Surdos pautando-nos em Strobel (2008) e em Freire (2014).

Palavras-chave: Ensino de Artes. Surdos. Anos Iniciais.

Resumen

El arte es una mimesis de la vida por definición. Pero son pocos los que la entienden a fondo. ¿Esto es porque no se nos enseña a disfrutar de ella como es debido? O bien, ¿por qué la enseñanza de la misma se limitó a la pintura, collages y dibujos? Este artículo tiene como objetivo promover no las indagaciones sobre la enseñanza y el aprendizaje del Arte en las escuelas, pero en el contexto de los estudiantes sordos; pues, ellos son marginados, no sólo en esa materia, sino también en otras. Tomamos la disciplina de Artes, y no otra, porque creemos que ésa puede ayudar a las personas sordas en la comprensión de temas abstractos, sabiéndose que ellos tienen una literatura sorda en la cual sus poemas también están presentes, siendo, entonces, una forma de Arte. Tenemos la intención, por lo tanto, examinar cómo se está dando este curso en la escuela de Audiocomunicação de Campina Grande, en una serie inicial, ya que es en esta etapa que aprendemos a cortar y pegar, y a pintar y dibujar. A continuación, vamos a hacer un recorrido histórico tanto como la enseñanza y la aparición del arte como en la educación especial con un enfoque en la persona sorda con el fin de tener una visión general sobre la Educación Especial en Brasil destinado a la enseñanza del arte como materia escolar. Para ello, utilizamos como marco teórico el tema de la Educación de Sordos el especialista Strobel (2008) y Freire (2014).

Palabras clave: Enseñanza de Artes. Sordos. Primeros Años.

Introdução

A Arte está incutida na educação que os pais e mestres transmitem às novas gerações, atuando assim, no presente, passado e no futuro de crianças e adolescentes, tonando-os sujeitos críticos e mais conscientes de sua realidade. Apesar dos benefícios que as expressões artísticas nos proporcionam, o ensino da Arte, só veio fazer parte dos currículos escolares apenas no século XX, em diferentes lugares do mundo.

Havia divergência em relação ao ensino da Arte, nas décadas de 60 e 70, onde eram questionadas as expressões livres e sistematizada, inicialmente seria em uma perspectiva espontânea da criança e posteriormente de acordo com alguns autores, era uma construção de experiências vivenciada, de modo que o professor era o mediador, aprimorando assim, as habilidades, explorando a que eles já sabiam. Introduzindo técnicas para um melhor desempenho do educando.

A partir de vários questionamentos feitos sobre a influência das Artes na educação nas escolas brasileiras, foram fundamentados o ensino da Arte através de estudos americanos. Em meados do século XX, o ensino de Arte no Brasil era composto por trabalhos manuais, desenho e o canto orfeônico. O ensino era voltado para as Artes cênicas, a dança e a música, onde se destacavam nas escolas durante as datas comemorativas.

Depois, um período de três décadas, ensinando Canto Orfeônico nas escolas, o mesmo torna-se obsoleto no final deste período e dava lugar à Educação Musical, instituída pela LDB 1961 influenciada por modelos europeus.

A Arte no Brasil ganhou novos rumos durante a semana de Arte Moderna de São Paulo, no ano de 1922. Abrangendo o teatro e a música, da mesma forma que se destacaram vários escritores, compositores e pintores da época, fazendo uma integração nas escolas. Refletiu também nos festivais. Houve, neste período, manifestações artísticas ocorridas dentro e fora das instituições de ensino.

Em 1960 a formação de professores foi pouco direcionada a disciplina de Arte, os focos dos docentes eram com qualificações em outras licenciaturas. A Educação Artística só foi incorporada ao currículo escolar em 1971, sendo considerado indispensável para a formação do aluno. Em princípio a formação do profissional de

Artes era através de oficinas, reciclagens e pesquisas; fazendo adaptações bibliográficas. Não tinha formação nem havia formadores habilitados para a área específica.

Na década de 80 surgiu o movimento Arte educação, com propósito de integrar os profissionais com habilidades em algum tipo de Arte. Mas, ainda não tinham formação, daí surgindo os encontros de Arte educadores e foram se multiplicando, em todo o país, com o intuito de avaliar e aprimorar as trocas de experiências à profissão de Arte educador. Com a implementação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional Lei 9.394/96 torna-se obrigatório o ensino de Artes na educação básica.

A má formação dos professores contribuiu para uma prática distorcida, onde se utilizam de materiais inadequados para aplicação das atividades de Artes. A disciplina de Arte passou a ser subjulgada por não haver profissionais formados e habilitados. Tornando o ensino artístico, plural e deficiente.

A Arte é o círculo da vida, transformando criatura em criador. A Arte e a ciência são áreas de conhecimento específicas. Uma manifesta a sensibilidade e criação; enquanto a outra se volta para a razão. Tanto a emoção quanto a razão passa pelo momento de revelação e de consciência, com inspirações e aspirações.

A Arte é um campo com muitas possibilidades, onde mostra o mundo particular e universal dos seres humanos, expondo a realidade vivenciada e explicitas na ótica de uma modalidade artista. Arte transforma o olhar, o sentir e a forma de perceber o mundo em que vivemos. Possibilitando uma relação nas diversidades artísticas existente. O ser humano cria e recria seu universo artístico, produzindo cultura de acordo com o momento histórico vivenciado.

Em resumo a Arte engloba a experiência do fazer, fluir e refletir. De forma que deixa a cargo das escolas a responsabilidade da instrução sistematizada para os alunos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacional de 2001 (p. 45), encontramos que a

Arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhança e diferença expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa.

Durante o processo de assimilação do ensino da Arte, o ser humano desenvolve múltiplas habilidades, melhorando e aguçando assim sua consciência e senso crítico.

É função da escola é repassar os conteúdos e conhecimentos da Arte para o aluno em nível geral, dando-lhe a livre interpretação da mesma, para que possa dar sentido e significado ao seu objeto de estudo, em cada área específica. E ao professor compete o papel de mediador facilitador do conhecimento. Segundo os PCNs (2001, p. 51)

O ensino de Arte é a área de conhecimento com conteúdos específicos e deve ser consolidada como parte constitutiva dos currículos escolares, requerendo, portanto, capacitação de professores para orientar a formação do aluno.

Os conteúdos do ensino da Arte no ensino fundamental são fundamentados nos eixos de produção que são atividades desenvolvidas pelo aluno na realização do estudo das Artes. A fruição que seria as abstrações que o educando faz pra si das Artes em geral, como também o fazer artístico de si mesmo e relacionando com o contexto social e a reflexão que é o resultado epistemológico individual e coletivo, sendo sequenciados os conteúdos de acordo com a indicação do professor.

De acordo com o que foi dito até agora, o ensino da Arte em nossas escolas, fica em um patamar de desigualdade em relação as outras disciplinas, nos restando enquanto professores transmitir e conduzir as diferentes formas artísticas, fazendo adaptações conforme a realidade de cada escola.

De forma que, para ensinar, não basta apenas torna-la uma disciplina, mas sim, dar aos professores subsídios pedagógicos fazendo uso de materiais adequados, para que os mesmos possa transferir as técnicas aos alunos, instigando a imaginação através de pintura em tela retratando elementos da natureza ou da sociedade. Aulas de dança fazendo um resgate regional e desenvolver as habilidades motoras, equilíbrio e movimento. Apresentações teatrais, resgatando valores, e costumes da cultura local; Incentivando o aluno a perceber a rede de relações que o mesmo faz parte. E na música onde o aluno faça um desenvolvimento de ritmo, tempo e chegando até a tocar um instrumento.

Então, é necessário o ensino das Artes, pois através da mesma. os indivíduos serão capazes de incorporar elementos culturais, de maneira que se apropriem desses conhecimentos. Podendo abrir portas e transformar sua realidade cotidiana. Dando significado novo a vida e possibilitando uma inclusão nos diversos seguimentos da sociedade independente de sua posição econômica no seu contexto político social.

Diante do que foi exposto até o presente momento, podemos observar que a Educação Especial também pode ter em sua grade curricular o ensino da Arte, visto os benefícios que a mesma pode trazer ao sujeito (surdo ou não) quanto ao seu desenvolvimento pessoal. Contudo é imprescindível conceituarmos, primeiramente, o que é vem a ser Educação Especial. Assim sendo, podemos asseverar que:

A educação especial é uma modalidade de ensino destinada a educandos portadores de necessidades educativas especiais no campo da aprendizagem, originadas quer de deficiência física, sensorial, mental, ou múltiplas, quer de características como altas habilidades, superdotação ou talentos (OEI – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO De BRASIL, p. 155).

Ao longo da história, as pessoas com deficiência tem travado uma luta diária, na busca de seus direitos enquanto cidadãos. No Brasil a partir do século XIX, as pessoas surdas e cegas naquela época já tinham registro de instituições como Instituto Benjamin Constant, o Instituto Nacional de Educação para Surdos, voltadas para a educação de pessoa com deficiência.

No mesmo período, a fundação destes institutos foi considerada um pequeno avanço em relação à educação sistematizada de pessoas portadoras de necessidades especiais, mas, grande parte dessas pessoas ainda estavam em suas casas, pois, as mesmas, eram vítimas de preconceitos de seus próprios familiares, como também da sociedade em geral, privados de exercer alguma atividade de trabalho e consequentemente viver em sociedade.

Desde então, foram criadas inúmeras leis. Realização de conferências, declaração dos direitos das pessoas com deficiências, estatutos, adaptações curriculares, decretos, entre outras ações. Tudo isto são considerados avanços e conquistas para os deficientes, mas não é o suficiente para que os mesmos tenham uma vida com igualdades de direitos para todos.

Pensando em nosso sistema educacional percebemos que há avanços em relação aos deficientes, mas, que não é o suficiente. A primeira vertente são as políticas públicas, as quais possibilitam a inclusão dessas pessoas no ensino regular, podendo chegar à ascensão social. No entanto, apesar desta inclusão garantida por lei, nossos governantes não pensaram nos espaços físicos dessas instituições que recebem pessoas com necessidades especiais. Como também, a formação e qualificação específica dos professores, de maneira que ao invés de uma educação inclusiva, torna-se uma educação de exclusão.

Portanto não precisamos tratar estes estudantes de forma discriminatórias, fazendo da escola um local de preconceito, pois não nascemos com ele, mas aprendemos em nosso dia a dia, por está empreguinada em nossa cultura. Por isso é preciso, mantermos uma relação com os portadores de deficiência, de maneira igual, proporcionando-lhes acesso, oportunidades e igualdades de direitos, para que os mesmo possam viver em sociedade de maneira como qualquer cidadão, pois eles são capazes de desenvolver habilidades e ter competência para as atividades as quais lhe são confiadas.

Por volta do século XVI, é constatado o início de uma tentativa de educação direcionada para as pessoas com deficiência auditiva, que tinha como propósito ensiná-la a falar, ler e escrever.

Nesse mesmo período foi constatado por Girolamo Cardano, através de observações e testes com indivíduos surdos, que o mesmo tinha um intelecto bastante peculiar, de forma que o possibilitava a aprender. O suporte para seus estudos era uma técnica de ensino, onde ele usava as gravuras reportando elementos do cotidiano e percebeu que tinha lógica a resposta dada pelos surdos. E daí se deu o início a instalação de um modelo de ensino para surdos.

O pioneiro na educação da comunidade surda, foi o monge beneditino Pedro Ponce de Leon, seus estudos serviram de base para outros profissionais da área. Ponce ensinava as crianças nobres da época a ler, escrever, e a doutrina do cristianismo. Ele criou um método para o ensino de surdo que era composto por ditalogia escrita e oralização.

Em 1620, Juan Pablo Bonet foi o pioneiro e escreveu um manual, que tinha como título educação de surdos. O ensino sistematizado só chegou no século VIII, com

Charles Michel de L' Epée, onde o mesmo fundou a primeira escola para surdo de Paris. Na França, ganhava ênfase, a linguagem de sinais, enquanto em outros países o oralismo se expandia.

Logo após, houve o VII congresso da associação pedagógica. A partir daí surgiram os primeiros profissionais que defendiam o oralismo para o ensino de pessoas surdas. Entre os anos de 1873 e 1880, houve várias questionamentos em torno do modelo da educação de surdos, até então, não se sabia se o melhor método era o oralismo ou a língua de sinais. Durante este período vários congressos foram realizados, mas, entre os participantes havia apenas um professor surdo. Em um desses congressos, foi definido sem a votação do participante surdo, que o oralismo seria o método mais correto para a educação direcionada para os surdos.

A linguagem oral para surdo permaneceu por muitos anos nas escolas do mundo inteiro, de maneira que, a sociedade não precisava se adequar ao surdo, mais sim, ele que tinha que se adequar ao modelo de educação já existente.

No Brasil o cenário foi o mesmo, em 1855 uma escola especializa no ensino do surdo aqui chegou pelas mãos de Ernest Huet, a instituição teve como nome INES que foi e é até hoje referência para o ensino e aprendizagem da comunidade surda.

Metodologia

Como recursos metodológicos para a feitura desse trabalho, pautamo-nos em entrevistas semi-direcionadas (SEVERINO, 2007) e da pesquisação, tendo em vista os benefícios que este tipo de pesquisa nos traz, conquanto nos permite ver o problema de dentro e não como expectadores alheios.

Contudo, por se tratar de um recurso no qual nos possibilita ver o problema por dentro, fica evidente que a pesquisa *in loco* também foi realizada. Também, não pretendíamos fazer uma pesquisa de cunho quantitativa, senão qualitativa, por cremos que esta nos fornece um panorama mais autêntico sobre a qualidade de ensino da Arte como disciplina em escolas bilíngues.

Assim sendo, procedemos com as análises dos resultados a partir do parágrafo seguinte.

Análise dos resultados e discussões

A análise das entrevistas evidenciou que estávamos certos quanto as hipóteses levantadas, ou seja, que o ensino de Artes nos anos iniciais é dado de maneira simplória, ou seja, não dotada de significado, pois trata-se apenas de atividades que trabalhem a coordenação motora, e não a formação do sujeito.

Percebemos também que as professoras seguem apenas algumas das ideias freireanas quanto à Educação, pois, sabe-se que Educação exige criticidade, respeito aos saberes do educando, corporificação das palavras pelo exemplo, assunção da identidade cultural etc (FREIRE, 2014).

Contudo, percebemos que as professoras, indiretamente, respaldam-se na ideia de Strobel (2008) quando este diz que o ensino à pessoa surda pode ser facilitado se for utilizado de materiais visuais. Assim sendo e por se tratar de corte e colagem, os recursos visuais estão à mostra.

Conclusão

Os surdos, durante toda história no âmbito não apenas educacional, mas também social reivindicaram pelo direito da língua de sinais ser incorporada ao ensino dos mesmos. O oralismo foi imposto a eles, já que qualquer tipo de sinais o qual pudesse se comunicar era proibido nas instituições escolares como também no ambiente familiar, sofrendo assim um processo de aculturação.

O bimodalismo seria a mescla de elementos, da língua de sinais com a linguagem oral, sendo ensinado simultaneamente. O que permitiu isso foi insucesso do ensino da língua oral.

Sendo assim, chegamos a conclusão que o bilinguismo é uma forma de comunicação, dentro de uma comunidade de surdo, que interagem entre si, com uma sociabilização através de gestos e oralização, isto embasado na convivência de sua comunidade. De forma que é transmitido para as gerações mais novas não só a língua de sinais mais também a oralidade construindo assim o bilinguismo.

Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF. V.6.1997.

BRASIL, Ministério da Educação de Brasil (OIE). Organização da Educação Especial. Objetivos gerais. Política de integração da educação especial na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio <Disponível em: www.oei.es/quipu/brasil/educ_especial.pdf>. Acesso em: 15/10/2014.

CAVALCANTE, Meire. A sociedade em busca de mais tolerância.

CORREIA, Maria do Socorro Lima. Surdez, Bilinguismo e Inclusão: entre o dito, permitido e o feito. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, 2004.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

STROBEL, K.L. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2008.